

Latour e Stengers: o espaço entre duas cosmopolíticas

Tobias Marconde de Carvalho Gomes

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da FAPERJ na modalidade Nota 10

<http://lattes.cnpq.br/1709374566097448>

tobiasmarconde@gmail.com

32

O objetivo deste trabalho é explorar o debate entre dois importantes pensadores, Bruno Latour e Isabelle Stengers, sobre a política no Antropoceno, destacando as divergências espaciais em suas propostas filosóficas. Latour propõe o "Parlamento das Coisas" (PdC) como uma nova forma de política que inclui não humanos como atores políticos, rompendo com a barreira antropocêntrica tradicional. Em contraste, Stengers critica o PdC, argumentando que a política é uma invenção específica da modernidade e que impor essa estrutura aos não modernos limita a diversidade das práticas políticas. Enquanto a organização política moderna se baseia em uma oposição em relação ao tempo (progressistas x conservadores), os aspectos espaciais são prevalentes ao pensar política no Antropoceno.

A metodologia utilizada envolveu a análise comparativa das obras de Latour (2019a, 2019b), e de Stengers, especialmente "Cosmopolitics" (Stengers, 2010). Além disso, foi fundamental o trabalho de Janicka (2024) para sistematizar alguns contrastes entre os autores. Latour concebe o PdC como um modelo de novo "nomos da Terra" onde são representados não apenas humanos, mas também não humanos, desafiando a lógica do poder soberano e propondo uma coexistência de diferentes escalas de atores, como povos indígenas e elementos naturais. Stengers, por outro lado, argumenta que a política moderna, com suas tradições específicas, não pode ser aplicada como um princípio universal para uma ecologia de práticas, criticando o PdC por impor condições modernas aos não modernos. Por isso, não há exatamente um *locus* onde ocorre a cosmopolítica, o que contrasta bastante com a proposta latouriana.

Stengers sugere que o PdC, ao exigir que os não modernos pertençam a uma *polis*, não respeita a diversidade das práticas políticas nomádicas e sedentárias. A própria distinção entre praticantes nomádicos e sedentários – categorias geográficas – é

importante para entender a crítica de Stengers. Quem se crê puramente nomádico só define os outros em termos de tolerância, pois o nomadismo se caracterizaria, segundo Stengers, pela disposição de se desvincular de suas crenças para desafiá-las e seguir um problema aonde quer que o leve. Os sedentários o são pois afirmam “seus desafios não dizem respeito a mim, nem me interessam” perante o Parlamento, com sua indiferença e silêncio.

Latour poderia responder à crítica de Stengers ao reinterpretar o PdC não como uma instituição fixa, mas como um "*speculative forum*", um *SF* (Haraway, 2016), um espaço especulativo e ficcional que desafia a política moderna. Assim, o PdC poderia ser visto como uma maneira de repensar a política, incorporando pequenas transcendências em cada ponto do que ele chama de “Círculo” político. Este trabalho, portanto, ilumina a importância dos aspectos espaciais na política contemporânea, especialmente no contexto do Antropoceno, e contribui para a compreensão das complexas interações entre humanos e não humanos na formação de novas ecologias de práticas.

Palavras-chave: Cosmopolítica. Espaço. Bruno Latour. Isabelle Stengers. Parlamento das Coisas.

Bibliografia

HARAWAY, D. J. *Staying with the trouble. Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

JANICKA, I. The Janus Face of Cosmopolitics: The Concept of Universality in Isabelle Stengers and Bruno Latour. *Philosophy Today*, 2024.

LATOUR, B. *Investigação sobre os modos de existência. Uma antropologia dos Modernos*. Petrópolis: Vozes, 2019a.

_____. *Políticas da natureza. Como associar as ciências a democracia*. Tradução: Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2019b.

STENGERS, I. *Cosmopolitics I*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.